

Demanda Continua

Continued demand paper



TRABALHO ACADÊMICO SOB UMA PERSPECTIVA BILÍNGUE: PROCESSO TRADUTÓRIO ENTRE A LÍNGUA PORTUGUESA E A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Academic work under a bilingual perspective: Translation process between Portuguese Language and Brazilian Sign Language

Ana Regina e Souza Campello¹
Pérola Juliana de Abreu Medeiros²

RESUMO

O processo tradutório de um trabalho monográfico da Língua Portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais demandou um grande e desafiador empenho de sua autora ouvinte, também intérprete e tradutora de Libras, e sua orientadora surda, também tradutora e intérprete com alta proficiência em Libras e Língua Portuguesa. O presente artigo descreve as etapas percorridas na construção da versão em Língua Portuguesa e desloca sua abordagem descrevendo os procedimentos escolhidos

ABSTRACT

The translation process of a monographic work from the Portuguese to the Brazilian Sign Language demands a great and challenging effort from its listener author, who is also an interpreter and translator of Libras, and her deaf counselor, who is also a translator and interpreter with high proficiency in Libras and in Portuguese Language. This article describes the steps taken on the

¹ Ana Regina e Souza Campello, Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; anacampelloines@gmail.com.

² Pérola Juliana de Abreu Medeiros, formada em Pedagogia pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, Rio de Janeiro, RJ, Brasil e tradutora intérprete de Libras/Português do Instituto Federal do Espírito Santo, Linhares, ES, Brasil; perolajocum@gmail.com.

na tradução entre línguas com modalidades distintas: oral-auditiva e gesto-visual. Pontua ainda as dificuldades encontradas para a conclusão da monografia bilíngue e finaliza apresentando algumas sugestões para diminuir tais barreiras.

construction of the Portuguese language version and moves its approach describing the procedures chosen in the translation between languages with different modalities: oral-auditory and gesture-visual. It also points out the difficulties encountered for the conclusion of the bilingual monograph and ends presenting some suggestions to reduce such barriers.

PALAVRAS-CHAVE

Monografia bilíngue; Adaptação textual; Tradução de trabalho acadêmico.

KEYWORD

Bilingual monography; Textual adaptation; Academic work translation.

Introdução

O presente artigo relata o processo de elaboração do trabalho de conclusão do curso de Pedagogia com foco em educação de surdos intitulado “Ouvintes bilíngues, vamos ‘librar’³? O desafio de sinalizar durante a graduação com colegas surdos”. Aqui estão descritos os caminhos tomados para produzir uma mesma monografia em duas versões: Libras e Língua Portuguesa. A monografia abordou um fato bastante comum, porém pouco discutido abertamente: a maioria dos alunos ouvintes que estudam com colegas surdos, mesmo com boa proficiência em Libras, não a utilizam em ambientes compartilhados com surdos que têm esta língua como L1. Por quê?

O objetivo aqui não está em aprofundar as discussões e reflexões que compõem o conteúdo do trabalho de conclusão de curso mencionado⁴, mas sim em focar na construção de um trabalho acadêmico bilíngue – em Libras

³ Neologismo criado pela comunidade surda para referir-se a alguém que fala usando as mãos, e não a boca. No lugar de dizer “Vamos falar em Libras”, optou-se por dizer “Vamos librar”.

⁴ Para aprofundamento do tema discutido na monografia acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=1fEkUD55n2c>. Acesso em: abr. 2017.

e em Língua Portuguesa desde a escolha do tema, passando pela estruturação física até o produto final em DVD – Libras e PDF – Língua Portuguesa.

1. Pré-escrita

1.1 A escolha do tema

Ao longo de quatro anos de graduação em um curso de Pedagogia cuja proposta era (e ainda é) bilíngue (Libras como L1 para surdos e Língua Portuguesa escrita como L2) (CAMPELLO e REZENDE, 2014), notou-se uma discussão bastante recorrente em que ouvintes diziam: “Eu não sou obrigado a usar a Libras! Tenho direito de usar minha L1!” e surdos rebatiam: “Os ouvintes se aproximam de nós para aprenderem nossa língua, conseguem trabalho como intérpretes e/ou professores, mas não a usam entre eles na nossa presença. Falta de respeito!” Tais situações geraram algumas angústias que, mais tarde, geraram a decisão pelo tema monográfico.

O manual de trabalhos acadêmicos⁵ da faculdade para surdos e ouvintes deixa a critério do graduando fazer a monografia em Língua Portuguesa escrita ou em língua de sinais filmada (MANUAL PARA NORMALIZAÇÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS EM LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA DO DESU/INES, 2015, p. 11). A decisão de fazer uma monografia em dois formatos (DVD e PDF) e em duas línguas (Libras e português) foi movida pelo desejo da autora de concluir o curso com práticas de fato bilíngues. A estudante (agora pedagoga) não queria o bilinguismo apenas impresso no histórico escolar ou no título de pedagoga bilíngue, mas desejava de fato a formação à qual se propôs buscar. Para ela, não haveria sentido especializar-se na educação de surdos e não ser capaz de expressar todo e qualquer conhecimento adquirido na faculdade em língua de sinais. Incluindo a complexidade que um trabalho de conclusão de curso demandava. A motivação política também a impulsionou a fazer a monografia bilíngue para um curso cuja proposta é bilíngue. A mesma defende que todos os alunos de cursos superiores envolvidos diretamente com a educação de surdos deveriam desenvolver suas atividades acadêmicas em ambas as línguas: Libras e Língua Portuguesa escrita.

⁵ Disponível em: <<https://edumidiascomunidadesurda.files.wordpress.com/2015/10/22-de-outubro-de-2015-manual-unificado-sem-anexos-desu-ines-2015-1>>.pdf. Acesso em: abr. 2017.

1.2 A orientação

Para construir a monografia bilíngue, foi firmada uma dupla orientação com uma orientadora surda e uma coorientadora ouvinte, ambas com experiência em ensino e aprendizagem de segunda língua. Tais orientações geraram uma rica reflexão entre dois pontos de vistas que contribuíram para o engajamento das reflexões compartilhadas no trabalho. Elas se complementaram e supriram as necessidades demandadas na pesquisa. A orientação por parte de uma pessoa surda trouxe uma perspectiva do próprio sujeito surdo sobre as questões abordadas. Isto evitou uma exposição do tema sob uma perspectiva unicamente ouvinte.

A participação no Grupo de Pesquisa “Instrução em Libras como L1 e L2”, coordenado pela orientadora surda, contribuiu significativamente para a realização do trabalho, ampliando os conhecimentos e facilitando a prática.

2. Escrever demanda leitura

Para escrever (ou fazer um texto em Libras) é preciso ler. Ler tanto textos escritos quanto textos filmados “librados”⁶. Como a quantidade de pesquisas acadêmicas registradas em Língua Brasileira de Sinais ainda é bastante pequena, não há como se esquivar da leitura de textos em português. O trabalho dialogou principalmente com os seguintes autores: Maria Cecília Moura (2000), Ronice Quadros (2006), Oliver Sacks (2005), Carlos Skliar (1999) e Audrei Gesser (2012), Ana Regina Campello (2014) e Paddy Ladd (2003).

A partir dos trechos que se destacavam durante a leitura, foi feito um fichamento. Esses trechos eram copiados e colados em um único documento Word, modificado à medida que mais partes eram acrescentadas. Esse fichamento foi sendo construído desde a escolha do tema. Os textos usados pelos professores nas disciplinas eram lidos e as partes interessantes sobre o tema da monografia eram coladas no documento. Inicialmente não havia a preocupação se o trecho seria usado de fato no trabalho. Muitas dessas citações armazenadas no fichamento foram descartadas posteriormente.

⁶ Neologismo criado pela comunidade surda para referir-se a alguém que fala usando as mãos, e não a boca. No lugar de dizer “Textos filmados em que se falam em Libras”, optou-se por dizer “Textos filmados librados”.

2.1 Construindo a escrita

Respeitando a necessidade pessoal de estruturação das ideias primeiramente em Língua Portuguesa (L1 da graduanda), iniciamos o trabalho em português.

Há um mito entre grande parte dos surdos de que os ouvintes conhecem a Língua Portuguesa, de tal forma que não necessitam de correção. Isto não é verdade. A coorientação por parte de uma pessoa ouvinte e o auxílio de uma terceira professora de Português contribuiu também para a correção e revisão textual da versão em Língua Portuguesa.

2.2 Tempestade de ideias

O texto foi nascendo em uma tempestade de ideias. Tudo o que se desejava colocar na monografia era anotado. Todos os argumentos, favoráveis ou contra, foram anotados sem a preocupação inicial de haver coerência entre eles ou não. O objetivo nessa fase foi não perder ideia alguma. Quando a tempestade de ideias amenizou, o resultado parecia uma grande bagunça de argumentos pobres e sem embasamento. E alguns realmente eram. Foi preciso então uma estratégia para arrumar toda aquela bagunça textual. O sumário foi a ferramenta ideal para a organização do texto. Foi feito um sumário simples e entre os títulos das seções os textos foram sendo encaixados. Nessa fase foi possível ver o texto tomar a forma de um trabalho acadêmico.

The image shows a screenshot of a document with two pages. The left page is the 'SUMÁRIO' (Table of Contents) and the right page is the 'INTRODUÇÃO' (Introduction).

SUMÁRIO	
INTRODUÇÃO
CAPÍTULO I: SURDOS E NÃO SURDOS (OUVIENTES).....	
1.1 De qual sorte estamos falando?.....	
1.2 A língua do surdo: Língua.....	
CAPÍTULO II: A EDUCAÇÃO QUE O SURDO QUER.....	
2.1 História da educação de surdos no Brasil.....	
2.1.1 Educação bilíngue para surdos.....	
2.2 Como se constitui um professor bilíngue?.....	
2.2.1 Formação bilíngue para surdos.....	
2.2.2 O que é um professor bilíngue?.....	
2.3 Exatidão bilíngue para surdos.....	
2.4 Coexistência linguística.....	
CAPÍTULO III: RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	

The right page is the 'INTRODUÇÃO' (Introduction) and contains the following text:

INTRODUÇÃO

Por que a maioria de nós, ouvintes (pessoas não surdas) que não falam na Língua Brasileira de Sinais (Libras) não a utilizamos mesmo em ambientes com a presença de surdos?

O presente trabalho.....

CAPÍTULO I – SURDOS E NÃO SURDOS (OUVIENTES)

1.1 De qual sorte estamos falando?

1.2 Libras não é aquele código para cegos.

CAPÍTULO II – A EDUCAÇÃO QUE O SURDO QUER

2.1 História da educação de surdos no Brasil

2.1.1 Educação bilíngue para surdos

2.2 Como se constitui um professor bilíngue?

Figura 1 – Sumário como ferramenta de estruturação do texto

2.3 *Salve, salve, salve!*

O rascunho, salvo com o nome “Monografia” e com uma numeração, sempre era salvo em 3 locais diferentes: no *pen drive*, no computador e no e-mail (nuvem). À medida que algo era modificado e/ou acrescido ao texto, o documento (Word) era renumerado. Por exemplo: Monografia 1, Monografia 2, Monografia 3 e etc. Quando a escrita era retomada, sempre partia da última numeração e nunca retomava as anteriores. Os rascunhos numerados eram enviados às orientadoras e estas faziam as correções e devolviam sem renomeá-las. Isso evitou que novos trechos fossem inseridos em documentos diferentes, o que resultaria na perda ou dos acréscimos ou do tempo para lembrar/encontrar onde teriam sido inseridos os últimos acréscimos. Esse procedimento facilitou a comunicação com a orientação, pois sempre recorriam à última numeração. Chegamos até o 43º rascunho.



Figura 2 – Exemplo de numeração dos rascunhos

2.4 Metodologia

2.4.1 *Observação de campo*

Com o intuito de verificar se os ouvintes, com boa proficiência na Libras, usavam a língua de sinais entre eles na presença dos colegas surdos de duas faculdades cujas propostas são bilíngues, foram realizadas 54 horas de observação em quatro turmas de surdos e ouvintes apenas em aulas de professores ouvintes. Pois se o professor fosse surdo, os alunos ouvintes não teriam outra alternativa senão sinalizar. Com o professor ouvinte, sinalizar era uma opção. A observação

revelou que a maioria dos ouvintes com boa proficiência em Libras, quando estavam conversando entre si na presença de surdos, conversavam em português oral e não usavam a língua de sinais.

2.4.2 Entrevistas

O resultado da observação levantou uma questão: Qual o motivo desses ouvintes (que tinham boa proficiência em Libras) não usarem a língua de sinais entre si quando havia surdos presentes no ambiente? Para responder a esta pergunta, foram realizadas entrevistas com os alunos observados. Parte dos oito ouvintes responderam a um questionário entregue pessoalmente. A outra parte respondeu por escrito, via *WhatsApp*.

Para saber os anseios dos alunos surdos sobre a discussão, entrevistamos nove deles. Alguns pessoalmente, gravando suas respostas com a câmera do celular, e outros via *WhatsApp*. A todos foi enviado um vídeo com as perguntas em língua de sinais.

No final da monografia foram disponibilizadas, em anexo, as entrevistas dos ouvintes na íntegra, preservando suas identidades, é claro. Mas, como poderíamos disponibilizar também as entrevistas dos surdos sem que suas identidades fossem reveladas? Além de traduzidas para o português escrito e revisadas pela orientadora surda da pesquisa, as respostas dadas pelos surdos foram reproduzidas em vídeo⁷ pela autora da monografia. Para esta reprodução foi utilizada uma técnica de sinalização espelhada, em que os movimentos e enunciações dos entrevistados são imitados.

⁷ Os vídeos com a reprodução das respostas dos surdos pode ser acessados por meio do link: <https://www.youtube.com/watch?v=AIVlkMbkkRc> Acesso em: dez. 2016.



Figura. 3 – Reprodução das entrevistas dos surdos, representados pelos números 3, 4 e 9

As entrevistas revelaram a preferência dos alunos surdos por verem seus próprios colegas ouvintes sinalizando, ao invés do intérprete.

Com os dados coletados, após sua análise, o texto em português pôde ser finalizado. Uma vez aprovado por ambas as orientadoras, iniciou-se a fase de sua adaptação para Libras.

3. Iniciando a versão em Libras

Mourão (2012) destaca a existência de obras em Libras classificadas em três grupos: traduções, adaptações ou criações⁸. Segundo o autor, um material é considerado tradução quando “[...] contribui para o conhecimento e divulgação do acervo literário de diferentes tempos e espaços, já que são traduzidos para a língua utilizada pela comunidade surda”. Um material é considerado adaptação quando “[...] o enredo da história tem transformações [...] de forma que o discurso traga representações sobre os surdos”. Finalmente, define como criação “[...] textos originais que surgem e são produzidos a partir de um movimento de histórias, de ideias que circulam na comunidade surda”. (MOURÃO, 2012, p. 3).

⁸ Para maior aprofundamento, consulte a obra “Adaptação e tradução em literatura surda: a produção cultural surda em língua de sinais” (MOURÃO, 2012).

Dessa forma, a monografia em Libras à qual este artigo se refere não se encaixa na classificação de adaptação, sugerida por Mourão, pois o texto não recebeu transformações com inserções de aspectos da comunidade surda a partir de um texto que não as tinha. Pelo contrário, o conteúdo do texto surgiu de movimentos de histórias vivenciadas pela comunidade surda. O que nos faz concluir que se trata de uma criação, em termos de obra em Libras, apesar da versão em português ter nascido primeiro.

Todavia, para a criação do produto final da monografia em suporte DVD houve um trabalho tradutório interlingual (entre línguas diferentes – Libras/Língua Portuguesa), intermodal (entre línguas com modalidades distintas: oral-auditiva/gestual-visual) (JAKOBSON, 1969) e intersemiótico (entre sistemas de signos distintos, por exemplo, de um texto para vídeo) (SEGALA, 2010; KAHMANN, s/d.).

A princípio tentamos realizar uma tradução integral e literal (KAHMANN, s/d.) do texto em português para a língua de sinais. Começamos traduzindo parágrafo por parágrafo, trecho a trecho. A intenção era não omitir nenhum argumento exposto no texto escrito, pois entendemos que todos os argumentos explicitados em português devem ser igualmente expostos para os surdos sinalizantes, em Libras. Todavia, esse caminho tomado inicialmente tornou-se inviável para o trabalho, pois o vídeo em Libras estava ficando imensamente grande e certamente bastante cansativo para os “leitores” surdos. Diante disto, após uma conversa entre orientanda e orientadora (surda), optamos por não a traduzir literal e integralmente, e sim fazermos uma tradução livre (KAHMANN, s/d) e tentar dar-lhe uma roupagem midiática mais atrativa e menos cansativa. Isso pode ser facilmente constatado quando comparadas as versões.

3.1 Glosa

A cada ideia destrinchada no texto foi pensada sua transmissão em língua de sinais de forma mais direta e enxuta. O que era pensado em Libras era anotado com as palavras da Língua Portuguesa escritas em um documento do programa Word de computador. Este procedimento Souza (2010) denomina-se Glosa⁹.

⁹ Fazer uma glosa consiste em utilizar palavras da Língua Portuguesa escrita dentro da estrutura linguística da língua de sinais (SOUZA, 2010).

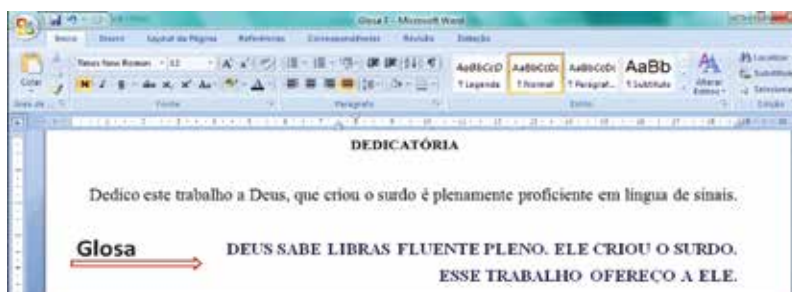


Figura 4 – Glosa da dedicatória da monografia

A cada seção/capítulo da monografia, uma glosa era feita e em seguida gravada sua leitura em voz alta em um aplicativo de gravador de voz no celular. O objetivo desse procedimento era filmar a graduanda posteriormente sinalizando o que ouvia na gravação de voz.

Geralmente o procedimento de filmagem é o seguinte: uma pessoa se posiciona na frente da câmera. Com a glosa em mãos, uma outra pessoa faz a leitura em voz alta para que o colega que está posicionado para filmar possa ouvir e sinalizar o que se lê. A autora da monografia escolheu gravar a voz de sua própria leitura da glosa porque já tinha em mente o ritmo que intencionava dar à leitura. Quando a pessoa que lê uma glosa é alguém que não a construiu, o ritmo de leitura é diferente do pensado inicialmente. Isto pode acarretar em um ritmo mais lento para a conclusão do trabalho, pois algumas entonações pensadas durante a leitura servem de pistas para um sinal específico que, sem a entonação devida possivelmente provocaria erros na sinalização.

3.2 Filmagem e edição do vídeo-rascunho

Em um estúdio com fundo verde, utilizamos uma câmera amadora de filmagem. Com as gravações da glosa em voz conectadas a um amplificador de som pelo celular e a graduanda já posicionada para a câmera, iniciamos as gravações.

A filmagem foi feita por partes. Antes de iniciar cada seção/capítulo, era sinalizado em Libras seu título/subtítulo para facilitar a edição posterior. Esse recurso também pode ser realizado com o uso de uma claquete. Uma terceira pessoa apertava os botões play do áudio e da câmera para que a sinalização pudesse começar.



Figura 5 – Indicando o início da gravação do capítulo 3 da monografia



Figura 6 – Indicação da seção filmada com claquete

Com todo o conteúdo gravado, as partes filmadas foram reunidas em um único vídeo, editado em um programa amador e postado no modo privado no canal do YouTube disponível apenas para a orientanda e as orientadoras. Logo o vídeo era revisado pela orientadora surda, que indicava as correções.

3.3 *Filmagem final e edição*

Baseada nas correções apontadas pela orientação, a glosa das seções necessárias foi refeita, bem como a gravação de voz da leitura das mesmas.

Finalmente todas as partes da monografia foram filmadas novamente com uso de um estúdio com fundo verde e uma câmera amadora. A edição foi realizada no programa Sony Vegas 12 pela própria graduanda, que já acumulava experiências anteriores de outros trabalhos semelhantes. O produto final foi concluído com a gravação em DVD, armazenado em uma capa com encarte contendo identificação da faculdade, tema, autoria, banca e sumário.

4. Dificuldades

Durante o trabalho, algumas dificuldades se destacaram:

- As traduções das epígrafes apresentaram um grau maior de dificuldade, devido às características poéticas de algumas delas. O auxílio direto da orientadora surda foi conclusivo para tal desafio tradutório;
- Apesar da gentileza do núcleo de educação on line – NEO, do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) – em ceder o estúdio, encontramos dificuldades de obter tempo disponível na agenda do estúdio para realizar

as filmagens. Isso resultou em atraso na conclusão da monografia em DVD. Além disso, os alunos só tinham permissão de usar algum dos estúdios se acompanhados do professor. Apesar de configurar um cuidado para a prevenção de infortúnios, essa condição não favorece a independência do aluno. E, muitas vezes, as agendas de aluno e professor se desencontram;

- A edição dos vídeos foi iniciada em um computador pessoal. Todavia, no processo notamos que o trabalho exigiria maior capacidade de memória e armazenamento do que o que tínhamos em mãos. Demorou mais de dois dias para renderizar¹⁰ um dos vídeos rascunho. Para solucionar este problema, contamos com o apoio do mesmo setor NEO;
- A confecção do encarte do DVD demandou um trabalho que poderia ser poupado se a faculdade disponibilizasse em modelo em Word. Perdeu-se bastante tempo com esta tarefa.

5. Proposta futura

Com o intuito de diminuir as dificuldades das próximas produções acadêmicas em Libras, propomos algumas possibilidades:

- Fortalecer uma posição política linguística que incentive ainda mais o uso da língua de sinais no ambiente da faculdade;
- Abrir um diálogo sobre definir ou não a obrigatoriedade do uso da língua de sinais dentro dos espaços nos cursos superiores ligados diretamente ao propósito de lidar com a educação de surdos;
- Oferecer aulas de produção midiática (imagem e edição). Isto diminuirá a dependência do aluno em esperar que alguém faça a edição de sua própria monografia. Na Língua Portuguesa o próprio aluno é responsável pela formatação de seu trabalho acadêmico;
- Ampliar os gêneros textuais, incorporando o gênero poético, trabalhados nas disciplinas de Libras;
- Disponibilizar um estúdio com câmera e bons computadores com programas de edição, mesmo que amadores, para o uso livre dos graduandos. Isto possibilitará o aprimoramento de uma prática já existente na comunidade surda relativa ao hábito de usar a tecnologia para a comunicação em vídeos;

¹⁰ Última etapa no processo de edição. Este recurso compila e obtém o produto final do processamento digital.

- Disponibilizar aos alunos o modelo de encarte para o DVD em Libras;
- Criar e divulgar um tutorial, em língua de sinais, dos passos da produção da monografia, principalmente da aplicação das normas de edição exigidas no manual de trabalhos acadêmicos da faculdade;
- Disponibilizar ao aluno o programa de edição que o habilite a cumprir as normas exigidas no manual. Atualmente não há programas de edição gratuitos que atendam a todas as solicitações deste. Ou a faculdade adéqua as normas às ferramentas dos programas de edição gratuitos ou instala em seus computadores os programas citados. Exigir formatação sem dar ferramentas para cumpri-las não é uma prática coerente.

Considerações finais

Muitas situações em que encontramos barreiras, tantas vezes justificáveis, nos fazem pensar em diminuir o padrão do alvo por julgar ser um tanto utópico conquistá-lo. O que queremos dizer é que sabemos que os ideais levantados pelos sonhos de ter uma qualidade excelente no ensino do surdo são embasados em padrões aparentemente altos demais para nossa realidade, em consequência de nosso histórico fracasso na sua educação (SKLIAR, 1999). Todavia, quando estabelecemos metas possíveis demais, ao alcançá-las corremos o risco de ficar estagnados e achar que as conquistas realizadas bastam. Por isso, correr atrás de uma meta ousada e aparentemente impossível nos faz driblar a impossibilidade que outrora nos enganava.

Não é o sistema educacional existente que deve nos enquadrar às suas demandas, mas sim nós é que devemos empenhar esforços para que o sistema educacional se adéque aos nossos alvos. Quanto mais altos, maiores e mais significativas as conquistas. Somos capazes de alcançá-los. Somos capazes de não desistir do sonho de uma educação de qualidade, sem precisar baixar nossas expectativas e alvos. Criemos alvos com altos padrões! Tiremos nossos projetos do fundo das nossas gavetas empoeiradas.

REFERÊNCIAS

CAMPELLO, A. R.; REZENDE, P. L. F. Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro. *Educar em Revista*, n. Especial 2, 2014, p. 71-92.

JAKOBSON, R. Aspectos linguísticos da tradução. In: *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969, v. 16.

KAHMANN, A. *Introdução aos estudos da tradução*. Apostila. UFPB. Letras-Libras, 2016, p. 59-100.

MOURÃO, C. H. N. Adaptação e tradução em literatura surda: a produção cultural surda em língua de sinais. In: *IX ANPED SUL. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul*, 2012.

SEGALA, R. R. *Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual: Português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais*. 74 f. Dissertação. Estudos da Tradução. UFSC: Florianópolis, 2010.

SOUZA, S. X. *Performances de tradução para a Língua Brasileira de Sinais observadas no curso de Letras Libras*. 174 f. Dissertação (Estudos de Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2010.